

PME em Números

Nota introdutória

De acordo com o disposto na definição europeia¹, são classificadas como PME as empresas com menos de 250 trabalhadores cujo volume de negócios anual não exceda 40 milhões de euros ou cujo balanço total anual não exceda 27 milhões de euros. As pequenas empresas distinguem-se das médias por terem menos de 50 trabalhadores e um volume de negócios inferior a 7 milhões de euros (ou um balanço inferior a 5 milhões de euros) e as microempresas distinguem-se destas por terem menos de 10 trabalhadores.

Dado que esta definição de PME pressupõe que apenas podem ser classificadas como tal empresas constituídas sob a forma de sociedade², uma análise desta classe dimensional de empresas deverá apenas recair, conseqüentemente, sobre o conjunto das sociedades sediadas em Portugal.

Nesse sentido, a análise que a seguir se fará e que tem por objectivo caracterizar a estrutura empresarial nacional, tendo em conta as diferenças de comportamento das PME e das grandes empresas, tem por base os dados do FGUE do INE, relativos às empresas constituídas sob a forma de sociedade, com uma ou mais pessoas ao serviço, classificadas nas secções C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N e O da CAE Rev. 2. Trata-se de 246 710 empresas registadas no final de 2001, aproximadamente 80% das sociedades a exercer actividade em Portugal nesse ano.

Chama-se a atenção para o facto de os dados económicos apresentados (emprego e volume de negócios) estarem sujeitos a segredo estatístico, aplicado nas situações em que existem menos de 3 empresas num determinado estrato, o que justifica as diferenças entre os totais apurados nas desagregações sectoriais e nas desagregações regionais.

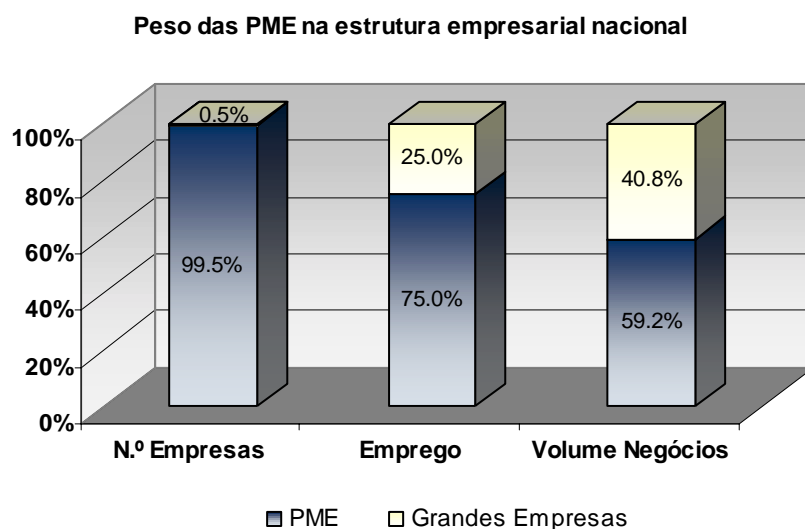
Para efeito de comparações internacionais a fonte usada é o Eurostat (“Structural Business Statistics”). Neste caso as PME são classificadas de forma simplificada, tendo apenas em conta o seu número de trabalhadores. O sector indústria engloba as empresas classificadas nas secções C, D e E da NACE e o sector serviços as empresas classificadas nas secções G, H, I e K. Os dados respeitam ao ano 2000.

¹ Recomendação da Comissão n.º 96/280/CE

² A Recomendação da Comissão n.º 2003/361/CE, que entrará em vigor a 1 de Janeiro de 2005, alarga o conceito de PME a outras formas jurídicas

PME em números

Em 2001, exerciam actividade em Portugal 245 564 pequenas e médias empresas (PME), as quais constituíam 99,5% do tecido empresarial nacional e eram geradoras de cerca de 75% do emprego (1,9 milhões de postos de trabalho) e de 59% do volume de negócios do país (137,8 mil milhões de euros).

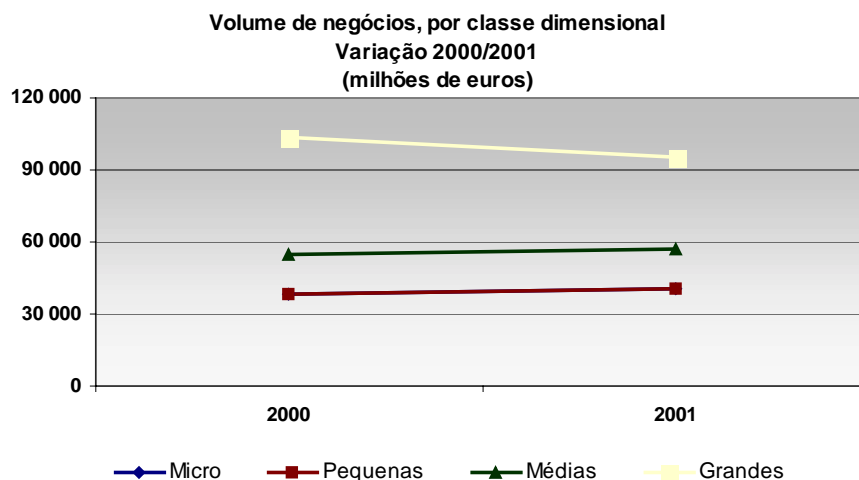
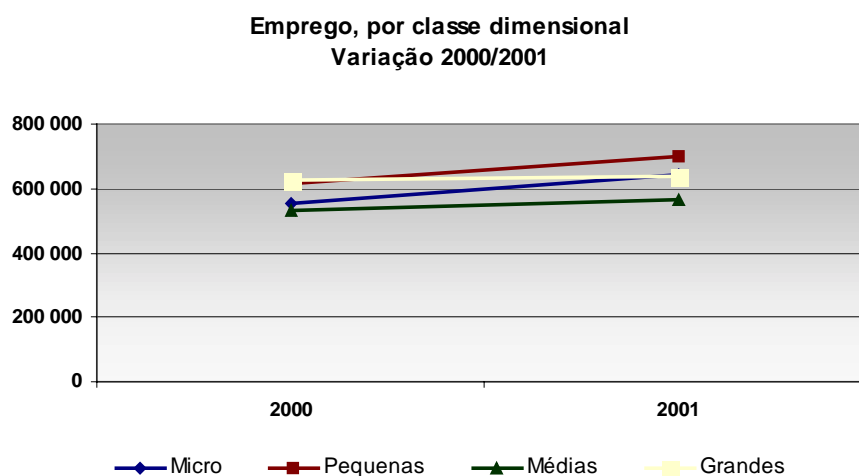
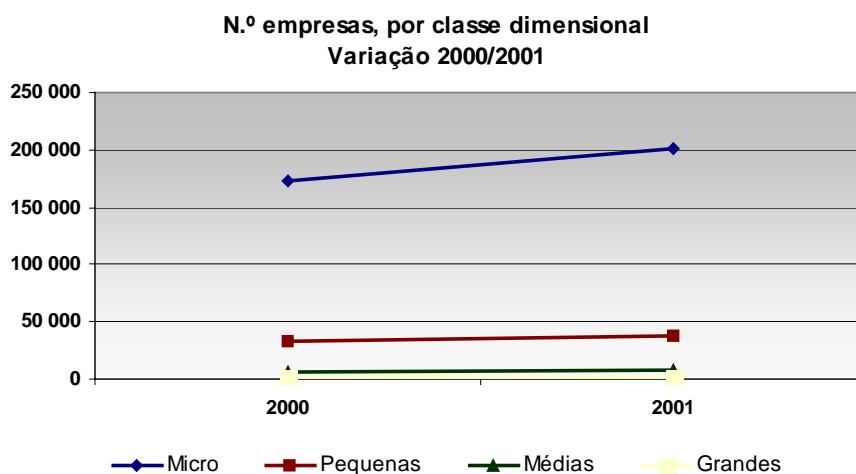


Tomando como base o ano de 2000, confirma-se que foram as PME as principais dinamizadoras da estrutura empresarial nacional, ao crescerem 16,2% (contra apenas 3,1% das grandes empresas), o que resultou num crescimento do emprego por si gerado de 12,3%, um ritmo bastante superior ao revelado pelas empresas de grande dimensão (1,8%), e um contributo fundamental para o aumento do emprego nacional em 2001 (9,5%).

Este crescimento resultou ainda no aumento do volume de negócios realizado pelas PME (5,3%), o qual permitiu compensar a redução verificada ao nível das grandes empresas, que viram reduzido em 8,6% o seu volume de negócios nominal. O comportamento das PME fez, assim, com que a diminuição do volume de negócios nacional registada em 2001 não tenha ultrapassado os 0,9%.

De destacar, de entre as PME, o comportamento das empresas de menor dimensão (micro e pequenas empresas), que protagonizaram os maiores crescimentos no período, tanto em termos de número de unidades (16,8% e 15,4%, respectivamente) como em termos de emprego (17,1% e 13,9%, respectivamente) e de volume de negócios (5,5% e 6,4%).

As PME reforçaram, assim, o seu peso enquanto empregadoras (em 1,9 pontos percentuais – p.p.) e também enquanto criadoras de negócio (3,5 p.p.).



Este padrão de evolução revela, por seu turno, uma tendência para a redução da dimensão média das pequenas e médias empresas nacionais – quer em termos de emprego quer em termos de volume de negócios – e da sua produtividade, medida de forma simplificada pelo volume de negócios realizado, em termos médios, por trabalhador. Isto porque o dinamismo do crescimento do número de unidades empresariais não se traduziu directamente em idêntico incremento no volume de negócios ou acréscimo no número de postos de trabalho.

Efectivamente, entre as PME, o número médio de trabalhadores por empresa caiu ligeiramente, dos 8 para os 7,8 e o volume de negócios realizado, em média, por empresa, dos 620 para os 561 mil euros (menos 58 mil euros do que no ano anterior). De forma análoga, também o volume de negócios médio por trabalhador se reduziu um pouco, dos 77 para os 72 mil euros.

Esta tendência verifica-se também, naturalmente, ao nível de toda a estrutura empresarial, sendo que a redução de dimensão e produtividade médias mostrou ser ainda mais significativa entre as grandes empresas.

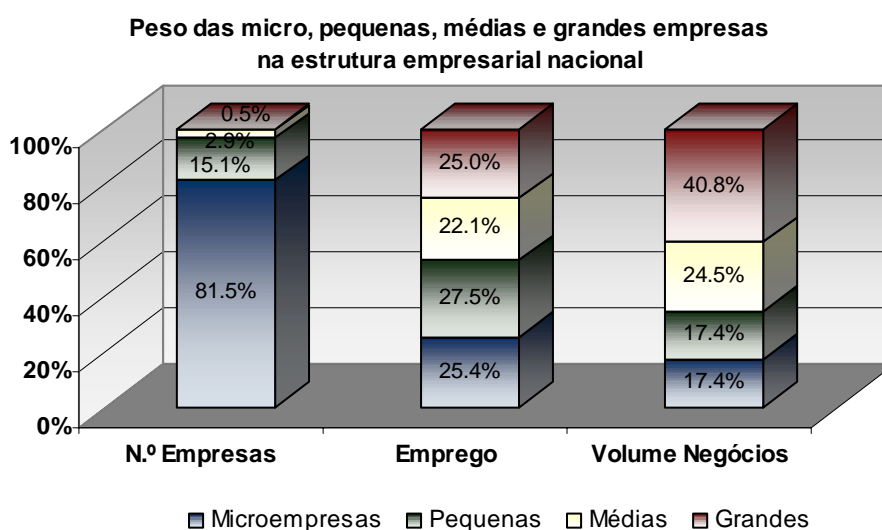
Assim, o número médio de trabalhadores por empresa em Portugal que, em 2000, era de 10,9, baixou para os 10,3 em 2001, da mesma forma que o volume de negócios realizado em termos médios por empresa diminuiu cerca de 162 mil euros, de 1,105 milhões de euros para 943 mil euros. O volume de negócios realizado, em média, por trabalhador diminuiu igualmente no período, ainda que de forma muito ligeira, de 101 para 91 mil euros, ou seja, um decréscimo de aproximadamente 10 mil euros.

A reduzida dimensão do tecido empresarial nacional pode ser observada também pelo peso que nela têm as unidades de menor dimensão.

Em 2001, 96,7% das empresas nacionais eram micro ou pequenas empresas, as quais eram responsáveis por mais de metade (52,9%) do emprego e por mais de 1/3 (34,8%) do volume de negócios do país. Além disso, este grupo reforçou mesmo a sua importância no tecido empresarial entre 2000 e 2001, tanto em termos de unidades implantadas, como em termos de postos de trabalho gerados ou de volume de negócios realizado. Isto, ao contrário das empresas de média dimensão que, ainda que tendo registado uma evolução positiva em todos os indicadores, cresceram a ritmos inferiores aos destas duas classes dimensionais, perdendo algum peso na estrutura empresarial.

Ainda assim será importante não esquecer que as médias empresas mantêm um papel de extrema importância, ao representarem mais de 1/5 do emprego (22,1%) e aproximadamente ¼ (24,5%) do volume de negócios nacional.

Analisada cada uma das classes dimensionais isoladamente verifica-se aliás que, entre as PME, são as médias empresas que continuam a realizar a maior percentagem de volume de negócios, sendo que micro e pequenas empresas são responsáveis, cada uma, por 17,4% do mesmo.



Em matéria de emprego a situação está um pouco mais equilibrada, cabendo, contudo, às pequenas empresas o principal papel (27,5% dos postos de trabalho). Seguem-se-lhes de muito perto as microempresas, com 25,4% e as médias, com 22,1%, como já referido.

Em termos de unidades existentes mantém-se – reforça-se mesmo, como já referido –, em 2001, o claro predomínio das microempresas no tecido empresarial (81,5% das empresas).

As PME por sector

Este maior dinamismo das PME relativamente às grandes empresas verificou-se em todos os sectores de actividade.

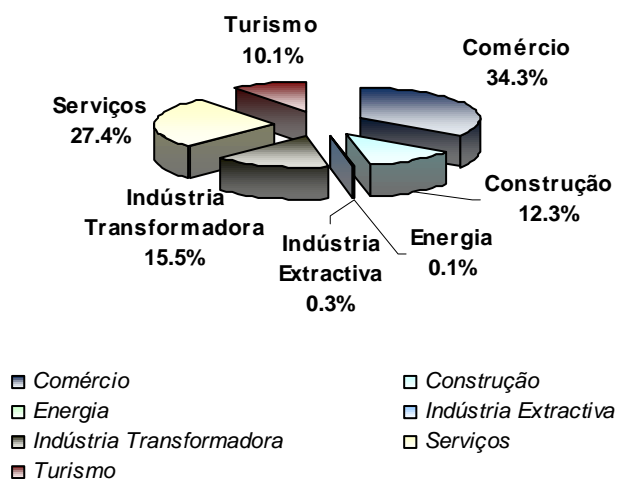
No caso da indústria³, foram mesmo as PME que permitiram o crescimento, ainda que ligeiro, do emprego no sector (0,6%) e impediram um maior quebra no volume de negócios em 2001 (-15,9%), ao possibilitarem um aumento dos postos de trabalho na

³ Quando não há referência explícita aos sectores indústria transformadora, indústria extractiva ou sector energético considera-se “indústria” a globalidade das empresas que operam nestes três grandes sectores.

ordem dos 3,9% (a quebra foi de 7,5% nas grandes empresas) e um acréscimo nos negócios de 2,8% (-30,8% nas grandes empresas).

Ainda assim, este sector continua a perder peso na estrutura empresarial, em particular em matéria de emprego e de volume de negócios – se bem que continue a ser o principal empregador nacional, gerando cerca de 35% dos postos de trabalho no país, cerca de $\frac{3}{4}$ dos quais criados por PME – e o segundo grande sector que mais contribui para o volume de negócios realizado no país (26,9%, sendo que mais de metade deste é da responsabilidade de PME). De notar que as maiores perdas de peso se fazem sentir ao nível das grandes empresas.

N.º de PME por grandes sectores de actividade



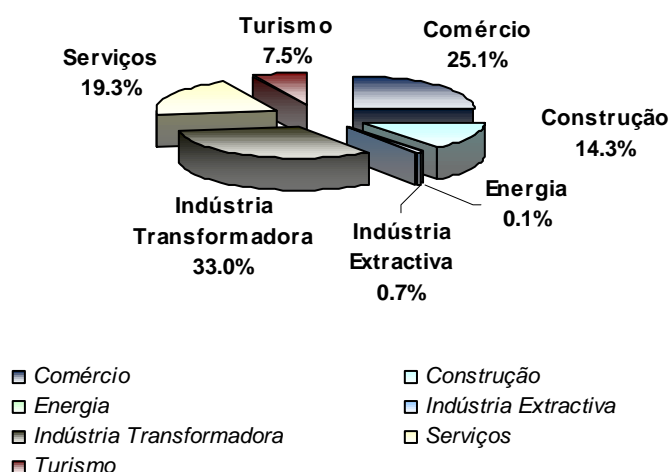
O comportamento das PME que exercem a sua actividade na construção revelou-se também determinante para o forte crescimento que o sector teve em 2001. Na verdade, com um aumento do número de empresas de cerca de 37,5% e um conseqüente aumento de 30,4% no emprego e de 15,1% no volume de negócios, a construção foi o sector que maior dinamismo registou entre 2000 e 2001 tendo, com isso, reforçado a sua posição na estrutura empresarial nacional em cerca de 2 pontos percentuais (empresas e emprego) e 1.35 p.p. (volume de negócios). Em 2001 este sector representava, então, um pouco mais de 12% das empresas e emprego e 9,5% do volume de negócios nacional.

Ao aumentarem cerca de 37,6%, as PME contribuíram fortemente para esta evolução do sector, já que aumentaram em 36,1% os seus postos de trabalho e em 10,4% o seu volume de negócios. Com isto, as PME passaram, então, a representar aproximadamente 87% do emprego e 68% do volume de negócios do sector. É de destacar, no entanto, o contributo das empresas de grande dimensão que, apesar de

apenas terem tido um aumento, em número de unidades, de 7,8%, conseguiram incrementar o seu volume de negócios em 26,5%.

O outro sector que reforçou consideravelmente o seu peso na estrutura empresarial nacional em 2001 (mais de 1 p.p.) – e que representa 27,4% das empresas, 23,5% do emprego e 16,7% do volume de negócios – foi o sector dos serviços. Para tal, foi essencial o papel das PME, que apresentaram ritmos de crescimento muito significativos e bastante superiores aos revelados pelas grandes empresas – um acréscimo de 21,5% no número de PME a operar no sector, que gerou um incremento de 20,6% no emprego e de 9,5% do volume de negócios no sector.

Emprego nas PME, por grandes sectores de actividade



As PME, que representam 99,6% das empresas dos serviços continuam, desta forma, a reforçar a sua posição no sector, sendo já origem de perto de 62% dos postos de trabalho (um crescimento de 2,9 p.p. relativamente a 2000) e de mais de 57% do volume de negócios (+ 1,8 p.p.).

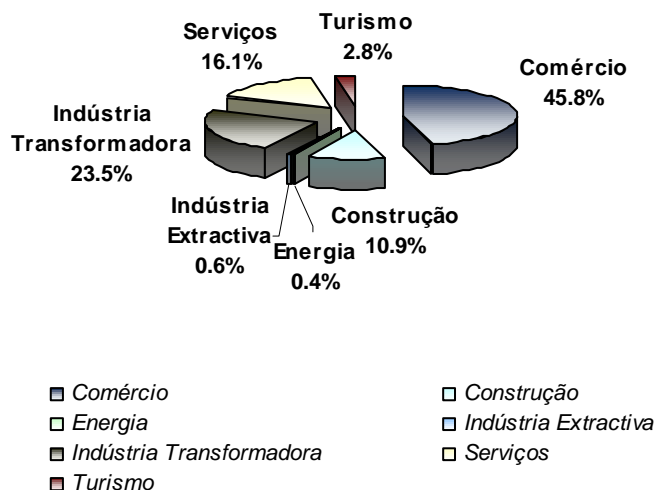
De salientar que exerciam actividade no sector em 2001 mais 21,4% de empresas do que no ano anterior, o que permitiu um acréscimo no emprego e volume de negócios de 14,8% e 6%, respectivamente.

O comércio, sector em que operam mais de 1/3 das empresas nacionais (34,2%) e que é gerador de cerca de 23% do emprego e de 45% do volume de negócios nacionais teve, em 2001, um crescimento relativamente moderado, que resultou numa ligeira perda de peso do mesmo na estrutura empresarial, nomeadamente em matéria de emprego.

Na verdade, se bem que tenha aumentado em 10% o número de empresas a operar no comércio, o que resultou num crescimento do emprego e do volume de negócios do sector de 8,3% e de 3,6%, respectivamente, as dinâmicas de crescimento alcançadas pelas empresas de serviços fizeram com que este sector ultrapassasse, pela primeira vez, o comércio enquanto empregador (23,5% dos postos de trabalho contra 22,9%).

Com um crescimento do emprego próximo da média do sector, as PME revelaram, neste caso, um menor dinamismo do que as empresas de maior dimensão, tendo mesmo perdido algum peso no seio do sector ao nível da geração de postos de trabalho (menos de 0,1 p.p.). Apesar disso, as PME são responsáveis por 82,5% dos postos de trabalho do sector.

Volume de negócios das PME, por grandes sectores de actividade



No que respeita a volume de negócios, e à semelhança do que aconteceu em todos os outros sectores de actividade, com excepção da construção, as PME revelaram-se capazes de atingir aumentos superiores aos das grandes empresas, reforçando ainda mais o seu contributo para o volume de negócios do sector (60,6%, em 2001).

De notar que, em 2001, o volume de negócios realizado pelo sector do comércio representava cerca de 45% do volume de negócios nacional, o que significa que este sector reforçou a sua posição neste domínio de forma significativa (mais de 2 p.p.) no período. As PME são responsáveis por mais de 60% (60,6%) do volume de negócios realizado pelo sector.

A tendência para a redução da dimensão média, quer das PME quer da generalidade das empresas nacionais, registada em 2001, estendeu-se a todos os grandes sectores de actividade. Mas esta situação foi mais notória nas empresas industriais, que viram

o seu número médio de trabalhadores reduzir-se em 2,4, para 24,6 e o volume de negócios médio em cerca de 518 mil euros, para aproximadamente 2,1 milhões. As PME industriais, por seu turno, diminuíram o seu número médio de postos de trabalho para os 16,5 (uma redução de 1,3 trabalhadores) e o seu volume de negócios médio para os 862 mil euros (menos 76 mil euros do que no ano anterior). De salientar, no entanto, que a indústria continua a ser o sector com as unidades de maior dimensão, em termos médios. Veja-se, por exemplo que as PME que operam nos sectores do comércio e serviços empregam, em média, menos de 6 pessoas e as que exercem a sua actividade na construção têm ao serviço 9 trabalhadores.

Por seu turno, também a ligeira redução registada no volume de negócios médio realizado por trabalhador se fez sentir um pouco em todos os grandes sectores de actividade, ainda que com pouca intensidade (mil euros nas PME da indústria, 6 mil euros nas do comércio e serviços e 13 mil euros nas que operam na construção, valores muito semelhantes aos verificados ao nível da globalidade das empresas em cada um dos sectores).

As PME por distrito

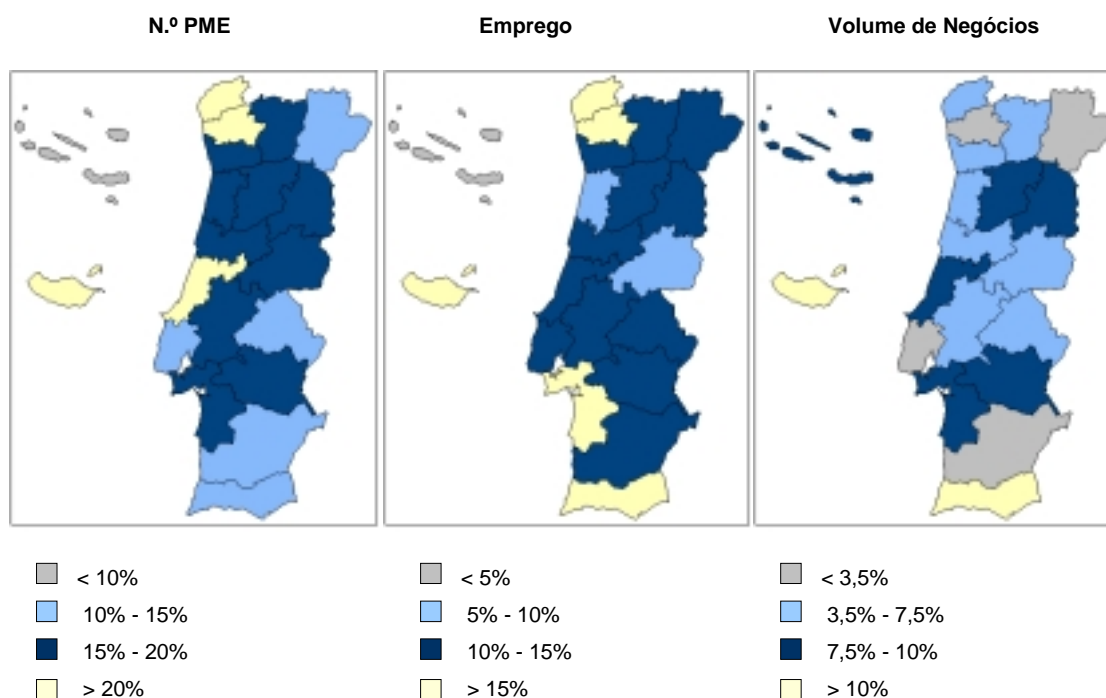
Ainda que a importância das PME varie um pouco de distrito para distrito, estas empresas representam mais de 99% das unidades em todos eles e, no caso de Bragança, são mesmo a totalidade da estrutura empresarial. Em sete distritos – a saber, Beja (1), Bragança (0), Évora (3), Guarda (3), Portalegre (4), Viana do Castelo (8) e Vila Real (2) – o tecido empresarial conta apenas com menos de 10 grandes empresas a operar.

Em termos regionais, as PME revelam-se especialmente importantes nos distritos de Beja, Bragança, Faro, Guarda e Vila Real, onde são responsáveis por mais de 90% dos postos de trabalho e do volume de negócios realizado. Em Évora, Viseu e Leiria as PME apresentam contributos para o emprego muito próximos dos anteriores (89,9% nos dois primeiros casos e 89%, no último) e são responsáveis por mais de $\frac{3}{4}$ do volume de negócios realizado (83,2%, 75,6% e 88,6%, respectivamente). De notar que Lisboa é o distrito onde as PME apresentam menor peso, sendo que, ainda assim, constituem 99,3% das empresas, 59,6% do emprego e 44,6% do volume de negócios, o que é muito significativo.

Significativo também é o facto de as dinâmicas de crescimento que caracterizaram as PME em 2001 se terem feito sentir em todos os distritos, tendo-se registado interessantes crescimentos em termos de número de unidades em todos eles, os

quais originaram relevantes acréscimos de postos de trabalho e do volume de negócios realizado. A única exceção é Bragança que, apesar do aumento do número de unidades e também dos seus postos de trabalho, viu reduzido o seu volume de negócios em 2001 em cerca de 2%, em consequência do desempenho de pequenas e médias empresas. O crescimento observado nas microempresas não foi suficiente para compensar a redução nas outras duas classes dimensionais de empresas.

**Taxas de crescimento das PME, por distrito
2000/2001**



Tal como aconteceu a nível nacional, também em cada um dos distritos portugueses o emprego gerado pelas PME em 2001 teve um ritmo de crescimento mais forte do que nas empresas de grande dimensão. Em alguns casos, como em Castelo Branco, Coimbra, Évora, Guarda, Porto, Setúbal e Viana do Castelo, os acréscimos atingidos permitiram mesmo compensar algumas reduções que se verificaram ao nível das empresas de grande dimensão, possibilitando o crescimento do emprego também nesses distritos, no período.

O mesmo se verificou em matéria de volume de negócios (com a exceção de Bragança, como já referido), que registou níveis de crescimento importantes nas PME em todos os distritos, os quais foram decisivos para a evolução do volume de negócios realizado em cada um deles. Nos casos de Leiria, Viana do Castelo e da Região Autónoma dos Açores as grandes empresas sofreram reduções de algum significado nos montantes facturados em 2001 comparativamente ao ano anterior, mas os

acréscimos conseguidos pelas PME foram suficientes para permitir o incremento do volume de negócios nesses distritos. Crescimentos mais fracos em Lisboa (3,1%), por seu turno, não foram suficientes para fazer face à redução registada ao nível das grandes empresas (13,7%), pelo que o volume de negócios na capital diminuiu 7% em 2001. No caso de Setúbal, as PME atingiram um crescimento do volume de negócios interessante (9,3%), mesmo superior à média nacional, mas a diminuição em cerca de 1/3 da facturação obtida pelas empresas de grande dimensão, resultado da redução do número de unidades classificadas neste grupo dimensional em 2001, fez com que o volume de negócios realizado no distrito se reduzisse em 12,6%.

Fruto da evolução registada no período, as PME tenderam a reforçar a sua importância na estrutura empresarial da maioria dos distritos nacionais.

No que respeita a número de unidades, o seu peso aumentou, se bem que de forma muito moderada (em nenhum caso esse aumento atingiu sequer os 0,5 p.p.) em todos eles, com excepção de Setúbal e Vila Real, onde o ritmo de crescimento das grandes empresas foi superior ao das PME. De notar, contudo que, mesmo nestes casos, o número de PME cresceu bastante mais do que o das grandes empresas. Em Vila Real, por exemplo, o crescimento de 100% das empresas de grande dimensão resulta do facto de ter surgido uma empresa em 2001, a somar-se àquela que já estava a operar em 2000, sendo que passaram a exercer actividade no distrito mais de 300 PME.

Já no domínio do emprego o aumento de representatividade regional das PME se mostra mais significativo. Neste caso, verifica-se um acréscimo da importância das PME em todos os distritos, sendo que, em alguns casos, eles são mesmo bastante relevantes – Viana do Castelo (5,4 p.p., para 86,1%), Setúbal (5,2 p.p., para 76,1%), Região Autónoma da Madeira (4,4 p.p., para 81,2%) e Castelo Branco (2,4 p.p., para 84,3%).

Em matéria de volume de negócios, contudo, registaram-se em vários distritos dinâmicas de crescimento mais fortes nas empresas de maior dimensão do que nas PME. Este padrão de evolução fez, por conseguinte, com que as PME, em 2001, tenham contribuído em menor proporção para o volume de negócios alcançado por estes distritos. Em Coimbra, Portalegre, Guarda e Braga, apesar do incremento dos montantes facturados (7%, 6,3%, 9,1% e 3,2%, respectivamente), as PME viram reduzido o seu peso – em 2,8 p.p., 1,89 p.p., 1,49 p.p. e 1,43 p.p., respectivamente – face aos ritmos de crescimento obtidos pelas grandes empresas (22,8%, 16,9%, 42,7% e 11,4%). Situação idêntica aconteceu no Porto, Viseu, Santarém e Aveiro,

ainda que, nestes casos, a perda de representatividade das PME não tenha atingido sequer $\frac{1}{2}$ p.p.. De salientar, no entanto, que as PME são responsáveis por mais de 70% do volume de negócios realizado em qualquer destes distritos (63%, no caso do Porto).

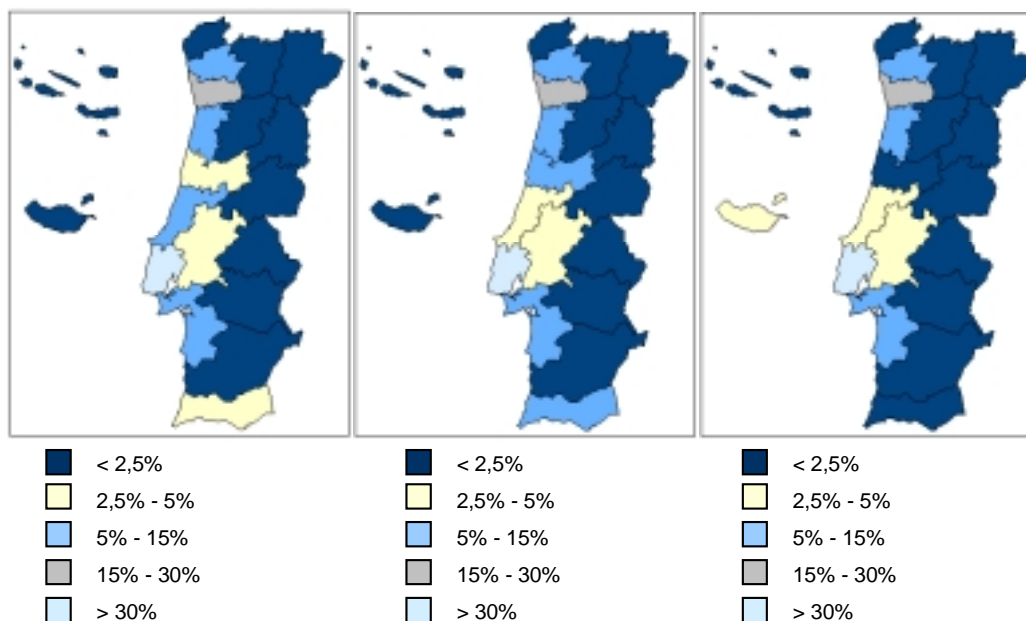
Por fim, será interessante observar de que forma o padrão de evolução registado em 2001 se repercutiu na distribuição regional do tecido empresarial nacional.

E a grande conclusão a que se chega é que, ainda que tendo ocorrido níveis ligeiramente diferentes de crescimento no número de unidades empresariais e, conseqüentemente, diferentes ritmos de crescimento na oferta de postos de trabalho e de realização de volume de negócios, que originaram algumas alterações dos contributos de cada distrito e regiões autónomas para os valores nacionais, a verdade é que essas oscilações foram muito ligeiras e, tirando uma única excepção – Lisboa –, foram sempre inferiores a 1 p.p..

Lisboa, foi, de facto, o único distrito que perdeu algum peso a nível nacional (respectivamente, 1,26 p.p., 0,47 p.p. e 2,83 p.p.), resultado do relativamente reduzido ritmo de crescimento do número de empresas e emprego (11,7% e 8%, valores inferiores à média nacional) e do crescimento negativo do volume de negócios realizado (7%). Ainda assim, é claramente o distrito onde exercem actividade mais empresas (31,8%) e onde é gerado maior número de postos de trabalho (27,1%) e de volume de negócios (32,9%) a nível nacional.

A concentração empresarial é, aliás, uma característica nacional e, se bem que esta menor dinâmica de crescimento do tecido empresarial de Lisboa tenha significado, naturalmente, uma contra tendência a este fenómeno, a verdade é que o seu impacto em termos de desconcentração foi relativamente reduzido.

**Peso de cada distrito na estrutura empresarial nacional
(n.º de empresas, emprego e volume de negócios)**



Veja-se que, em 2001, metade (49,8%) das empresas se encontrava a operar em dois distritos – Lisboa e Porto –, pelo que só estes eram responsáveis por 53,5% do emprego e por 61,6% do volume de negócios nacionais.

Mais, $\frac{1}{4}$ dos distritos portugueses – Lisboa, Porto, Braga, Aveiro e Setúbal – concentram 70% das unidades empresariais e geram mais de $\frac{3}{4}$ do emprego e do volume de negócios nacional. Estes valores ultrapassam mesmo os 80% se contarmos com os contributos de dois outros distritos litorais com maior importância em termos de estrutura empresarial nacional – Leiria e Faro. O que significa que os restantes 13 distritos e regiões autónomas têm uma importância relativa muito reduzida no cômputo nacional, cabendo-lhes um papel relativamente modesto em termos de criação de emprego e de facturação.

Interessante será também verificar que praticamente todos os distritos e regiões autónomas acompanharam a tendência de diminuição da dimensão média, quer das PME quer da generalidade das empresas nacionais, registada em 2001.

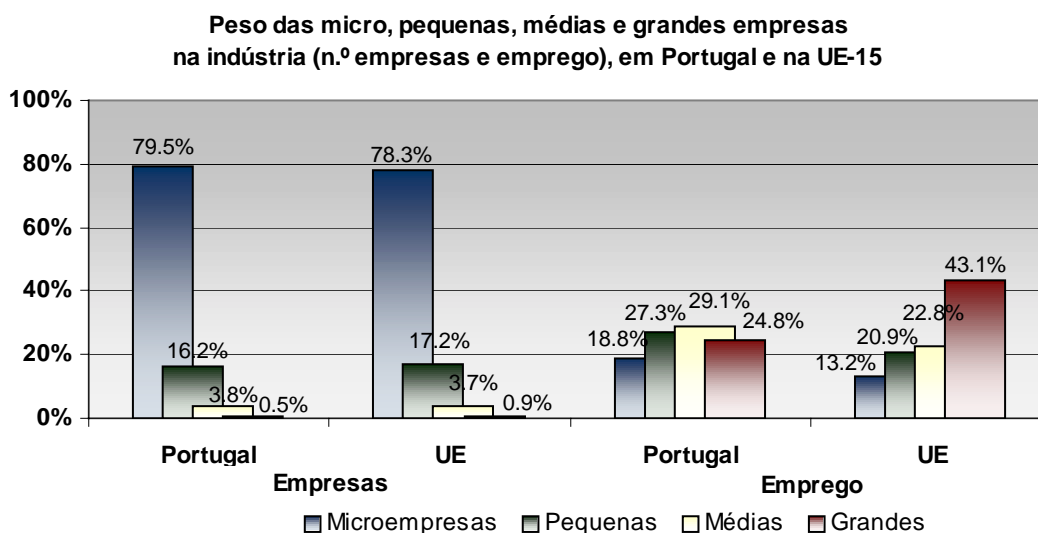
Contudo, essa redução foi muito ligeira na maioria dos casos, sendo que apenas em Braga ela se fez sentir de forma um pouco mais nítida (menos 1,5 trabalhadores por empresa e uma redução de 163 mil euros no volume de negócios médio, nas PME e menos 2 trabalhadores por empresa e 198 mil euros no volume de negócios médio na totalidade das empresas).

Ainda assim, Braga continua a pertencer ao grupo de distritos onde as empresas – e também especificamente as PME – apresentam uma maior dimensão média (o tecido empresarial do distrito, em termos médios, gera 13 postos de trabalho por empresa e atinge uma facturação de 797 mil euros, enquanto que as PME empregam, em média, 10,8 trabalhadores e realizam um volume de negócios de 595 mil euros). Os restantes distritos deste grupo são Aveiro, Lisboa, Porto e ambas as regiões autónomas. Em todos eles as empresas empregam, em média, entre 9,5 e 13,4 trabalhadores e realizam um volume de negócios médio que varia entre 797 mil e 1,3 milhões de euros.

Portugal no contexto europeu

A importância das PME na estrutura empresarial é um fenómeno comum a toda a Europa⁴.

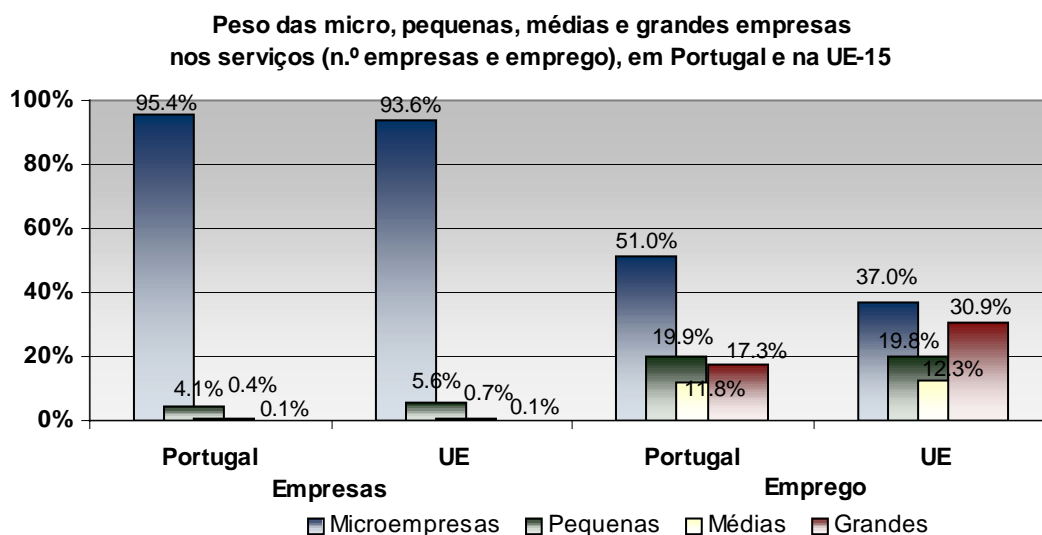
Se observarmos a forma como se distribuem as classes dimensionais de empresas nos vários Estados-membro, constatamos que Portugal apresenta uma estrutura muito semelhante à média. De acordo com dados do Eurostat relativos à indústria, 99% das empresas europeias são PME, enquanto que em Portugal esse valor é de 99,5%. Nos serviços esses valores sobem para 99,1% tanto em Portugal como na UE.



Contudo, um factor distingue claramente Portugal neste domínio em relação aos seus parceiros da UE – a importância que as empresas de menor dimensão têm enquanto geradoras de emprego.

⁴ União Europeia – UE 15.

Assim, enquanto que, na UE, em termos médios, as PME são responsáveis por cerca de 57% do emprego da indústria e por 69% dos postos de trabalho dos serviços, em Portugal estes valores sobem para aproximadamente 75% e 83%, respectivamente. Portugal é, pois, o Estado-membro onde as PME mais contribuem para a criação de postos de trabalho. Situação idêntica apenas se verifica em Itália (75% e 83%) e Espanha (72% e 79%).



Contudo, ao passo que, no caso da indústria, tanto micro como pequenas ou médias empresas são visivelmente mais dinâmicas do que as suas congéneres europeias na criação de emprego, no caso dos serviços pequenas e médias empresas apresentam contribuições muito próximas da média da UE. O destaque, neste caso, vai para as microempresas que, em Portugal, são responsáveis por mais de metade dos postos de trabalho do sector (51%), sendo que na UE o seu contributo não ultrapassa os 37%. Em Itália a importância das microempresas ainda é mais expressiva, já que estas geram mais de 59% do emprego dos serviços. Espanha regista igualmente um valor acima da média, mas inferior ao de Portugal (cerca de 47%).